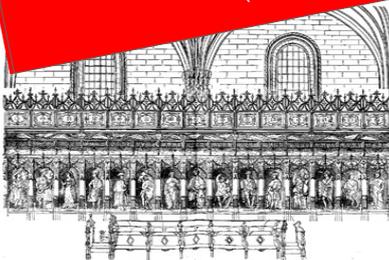


Convento de Cristo

Serviço de Educação e Animação

Quem te disse que não gostas de História?
Curso livre online de História elementar de Portugal
(8 aos 12 anos)



LIÇÃO N.º 37

Tema: As Invasões Francesas (1807 e 1809)
Suas causas e consequências para Portugal
Transferência da Corte para o Brasil



A Destruição do Cadeiral Manuelino da Igreja do Convento de Cristo em Tomar (obra de Olivier de Gand e Fernan Muñoz, c. 1511), foi um horrível crime da 3.ª Invasão Francesa.

Com a notícia da proximidade da data da 2ª Invasão Francesa, os freires abandonaram o Convento de Cristo procurando pôr a salvo a sua vida, assim como salvar os livros e alfaías religiosas mais importantes. Com o Convento desocupado, as tropas inglesas instalaram-se em 1809 no Convento, onde pretenderam fazer um hospital de campanha. Como não havia na região médicos suficientes, requisitaram os serviços de um médico militar da zona de Lisboa, que se chamava Dr. Manuel Tavares de Macedo. Por sorte, o novo médico tinha jeito para o desenho, porque pensamos que serão de sua autoria os desenhos do Cadeiral do Coro Alto da Igreja Manuelina do Convento de Cristo, que te mostramos em cima e em baixo, porque esses estão assinados por "Macedo".

Nessas invasões, os franceses estiveram muito perto, mas não vieram a Tomar, mas sorte diferente tiveram os tomarenses, quando na 3.ª Invasão vieram em força e cheios de vontade de destruir, roubar e matar.

Os ingleses tinham retirado para as Linhas de Torres Vedras e com eles deve ter partido o Dr. Macedo, porque nunca mais ninguém ouvir falar dele, mas os seus desenhos ficaram e são muito importantes para nós, porque são os únicos que existem do Cadeiral.

Os franceses que se instalaram no Convento e em Tomar eram 2.500 soldados, comandados pelo General de Brigada Michel Ney, ajudante de Masséna.

Quando foram obrigados a retirar de Tomar, a 7 de março de 1811, Ney deu ordens para incendiarem o Convento e tudo o que pudessem. A sua fúria não poupou o olival que se estendia até Tomar, as vinhas, as casas e também os lagares, moinhos e ferrarias junto ao rio Nabão. Diz-se que despejaram no leito do rio 30 caradas de balas e explosivos, para ficarem com as carroças vazias, para levarem tudo o que roubaram no Convento e nas redondezas.



As Invasões Francesas

A primeira invasão, novembro de 1807. Um exército de 30.000 soldados, comandados pelo general Junot entraram pela Beira Baixa e dirigiram-se a Lisboa. Chegados à capital e sem que ninguém se opusesse, instalaram-se no Castelo de S. Jorge, percorrendo a cidade maltratando a população e saqueando igrejas, palacetes e outras casas particulares. Junot autoproclamou-se Imperador de Portugal, em nome de Napoleão Bonaparte.

A Junta Governativa pediu ajuda militar a Inglaterra e esta enviou tropas comandadas pelo Duque de Wellesley. Desembarcaram na foz do rio Mondego, entre os dias 1 e 5 de agosto de 1807, reforçando o fraco exército português. A 17 e a 21, de agosto, o exército luso-inglês venceu os franceses nas batalhas de Rolíça e Vimeiro e Junot viu-se obrigado a assinar a paz, com a Convenção de Sintra e retirou-se com os seus homens, levando para França o produto das pilhagens.

A segunda invasão, março de 1809. Não tinham passado ainda dois anos desde a primeira invasão, quando em março de 1809, Napoleão ordenou ao general Soult que comandasse uma nova ofensiva militar em Portugal. O exército francês entrou por Chaves, passou por Braga e dirigiu-se ao Porto onde saquearam a cidade. Desta vez tiveram a oposição do exército luso-inglês que os obrigou a retirar. Esta segunda invasão ficou marcada pelo triste acidente da Ponte das Barcas (ponte construída com barcas, que ligava o Porto a Gaia). A ponte cedeu ao peso da multidão em fuga, tendo muitos portugueses morrido afogados no Douro.

Terceira invasão, junho de 1810. Nesta última as tropas francesas foram comandadas pelo general Masséna. Entraram pela Beira Alta e conquistaram Almeida, Mangualde e Viseu, seguindo daí para a Serra do Buçaco onde aos soldados luso-ingleses os venceram numa batalha. Em retirada, reorganizaram-se e dirigiram-se a Coimbra pretendendo seguir para Lisboa. No entanto não conseguiram passar as sólidas "Linhas de Torres Vedras" (fortificações controladas pelo exército Luso-Ingles) e as tropas de Napoleão partiram para sempre, deixando em Portugal um rasto de morte, destruição e fome.

As causas das Invasões

A Revolução Francesa derrubou o Regime Absolutista e introduziu em França um Regime Liberal, que se baseava na liberdade, igualdade e fraternidade. Essas ideias ameaçavam os reis absolutistas que, apoiados pela Inglaterra, entraram em guerra com França.

Napoleão Bonaparte, que foi aclamado imperador de França, ordenou o "Bloqueio Continental", impondo a todos os Estados da Europa, o encerramento dos seus portos aos navios ingleses.

A recusa de Portugal em aderir a esse bloqueio, deixando os seus portos disponíveis a Inglaterra, velho aliado de Portugal, fez Napoleão ordenar a invasão e ocupação de Portugal, guerra essa que durou 4 anos.



Napoleão Bonaparte e os três generais chefes das três invasões francesas: Jean-Andoche Junot (A Tempestade), Nicolas-Jean-de-Dieu Soult e André Masséna.

Transferência da Corte Portuguesa para o Brasil

Para que não fossem destituídos, ou mesmo mortos pelos soldados franceses, a Corte portuguesa mudou-se para o Brasil, deixando em Portugal, uma Junta de Regência.

Uma frota de quinze navios carregados com mais de 10.000 pessoas, ouro e tudo o que foi possível carregar, partiu para o Rio de Janeiro, onde chegou em janeiro de 1808. Sem um exército sequer que defendesse o povo dos franceses, o Reino ficou entregue à sua sorte.



As Consequências das invasões

Depois de quatro anos de guerra, a agricultura e o comércio ficaram destruídos e a fome instalou-se em Portugal. Nas igrejas, conventos, palácios e casas senhoriais, pilhadas e queimadas, ficaram os sinais da selvageria do "exército da nova República dos cidadãos" que até profanou túmulos e lugares sagrados para os cristãos. Alguns fidalgos portugueses, descontentes e com razão, com a Corte a salvo no Brasil, abriram as suas casas aos invasores, discutindo e alguns adotando, as ideias do liberalismo da Revolução Francesa (que se opunham às monarquias absolutistas e ao poder da Igreja). Essa colaboração com o inimigo talvez tenha poupado algumas vidas humanas, mas essas serão perdidas, na sangrenta guerra civil, que irá opor adeptos do Absolutismo (rei D. Miguel) e do Liberalismo (rei D. Pedro). Os liberais saíram vitoriosos em Portugal, mas disso falaremos depois.

Os Ingleses tiveram de ser "expulsos", porque cinco anos depois do fim da guerra, ainda se encontravam em Portugal, querendo controlar tudo.